

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Josiane Carletti da Silva

~~Eu não aprendi nada:~~

Narrativas de alunos de séries iniciais sobre suas aprendizagens

Porto Alegre

2. semestre

2012

Josiane Carletti da Silva

~~%Eu não aprendi nada#~~

Narrativas de alunos de séries iniciais sobre suas aprendizagens

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação como requisito parcial e obrigatório para aprovação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tania Beatriz Iwaszko Marques.

Porto Alegre

2. semestre

2012

Dedico este trabalho às pessoas que foram protagonistas dele e que sem elas o trabalho não existiria. Dedico à turma 42 e à professora Denise Wladimirski.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a pessoa que teve um papel importante para que este trabalho chegasse a sua finalização, um agradecimento especial para minha orientadora Tania Beatriz Iwaszko Marques, pela paciência, incentivo, apoio e dedicação demonstrada durante todo esse semestre. Agradeço também a professora Maria Isabel Dalla Zen por ser a incentivadora inicial das atividades do estágio, pela indicação da leitura inicial realizada e incentivo na preservação do material dos alunos. Agradeço também aos outros professores de quem tive a oportunidade de ser aluna durante todo o curso e que fizeram muita diferença em toda minha trajetória acadêmica.

Agradeço as colegas com quem tive a oportunidade de compartilhar trabalhos, conversas, amizades, que enriqueceram nossas aulas com suas experiências de vida. A todas que estão presentes nesse momento final e aos que ainda não chegaram aqui, mas estão se encaminhando para esse fechamento.

Agradeço muito aos meus pais Cleuni G. Carletti da Silva e Paulo Ricardo C. da Silva, pelo apoio, incentivo e compreensão do meu silêncio e ausência, mesmo estando de corpo presente eu fiquei muito ausente para poder concluir este trabalho final. Quero agradecer a paciência e compreensão dos familiares e amigos pela ausência que foi necessária em muitos momentos do curso.

Agradeço também ao pessoal do trabalho que me apoiou durante essa trajetória e foram muito compreensivos em vários momentos.

Agradeço finalmente ao incentivador lá do início que teve um papel importantíssimo para que eu retomasse meus estudos e que durante todo o curso me apoiou, tanto intelectualmente, quanto emocionalmente. Agradeço muito ao meu namorado, parceiro dessa caminhada Adriano Ernesto Kappke, por estar presente inicialmente e agora na conclusão desse sonho.

[...] a situação do aprendizado não é apenas marcada pelo local, pelas pessoas, mas também por um momento. Aprender, sob qualquer figura que seja, é sempre aprender em um momento de minha história, mas, também, em um momento de outras histórias: as da humanidade, da sociedade na qual eu vivo, do espaço no qual eu aprendo, das pessoas que estão encarregadas de ensinar-me [...] Aprende-se porque se tem *oportunidades* de aprender, em um momento, em que se está, mais ou menos disponível para aproveitar essas oportunidades (CHARLOT, 2000, p. 67).

RESUMO

O tema deste trabalho consiste em analisar as próprias aprendizagens a partir do ponto de vista de alunos do 4º ano do ensino fundamental em uma Escola Estadual do município de Porto Alegre. A justificativa para tal estudo é a inquietação e preocupação que surgiu durante o estágio de docência em relação às aprendizagens apontadas pelos alunos. O objetivo do estudo é saber como esses alunos pensam as suas próprias aprendizagens e, além disso, refletir sobre as respostas identificadas. A pesquisa realizada tem caráter qualitativo, com análise documental de materiais obtidos durante e após o estágio de docência. Os pressupostos teóricos se constituíram a partir de PIAGET, DELVAL, HOFFMANN, FREINET e MARQUES. As análises realizadas puderam identificar que proporcionar aos alunos esses momentos de identificação das aprendizagens pode ser benéfico, tanto para os alunos quanto aos professores, pois funciona como um grande instrumento de avaliação. O professor avaliando sua atuação e suas estratégias de ensino e de aprendizagem e os alunos avaliando as suas aprendizagens em relação às propostas pedagógicas. Professor e aluno aprendendo a pensar sobre o que se está aprendendo.

PALAVRAS CHAVE: Ensino Fundamental. Aprendizagem. Avaliação.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2 METODOLOGIA DA PESQUISA..... | 9 |
| 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... | 11 |
| 3.1 APRENDENDO SOBRE O QUE APRENDI..... | 12 |
| 3.2 APRENDENDO COM OS GUARANIS..... | 13 |
| 3.2.1 Específico para mulheres..... | 15 |
| 3.2.2 Crianças sem nome..... | 15 |
| 3.3 RECORDANDO NOSSAS APRENDIZAGENS..... | 17 |
| 3.3.1 Não aprendi nada | 18 |
| 3.3.2 Maquetes bairro da escola..... | 20 |
| 3.3.3 Receita de bolo..... | 22 |
| 3.3.4 Ciências..... | 23 |
| 3.3.5 Museu Vivo..... | 24 |
| 3.4 MENSAGEIROS DO APRENDER..... | 25 |
| 3.4.1 Expectativas antes da visita..... | 25 |
| 3.4.2 Dia da visita..... | 25 |
| 3.4.3 Depois da visita, algumas percepções..... | 26 |
| 3.4.4 Pequenos mensageiros, grandes aprendizagens..... | 27 |
| 3.5 E AFINAL, O QUE EU APRENDI?..... | 30 |
| 4 APRENDIZAGENS FINAIS, SERÁ? | 32 |
| REFERÊNCIAS..... | 33 |

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho se refere às aprendizagens a partir do ponto de vista de alunos do 4º ano do ensino fundamental de uma escola estadual da região central do município de Porto Alegre. Após refletir sobre a importância de saber o que os alunos estavam pensando em relação às práticas em sala de aula durante meu estágio de docência¹, surge a ideia de investigar suas respostas. A proposta consistiu em averiguar o que realmente os alunos destacaram como aprendizagem, ou seja, o que os discentes apresentaram como conteúdo de importância para sua formação. Após uma pergunta inicial sobre aprendizagens, foi realizada uma atividade em que os alunos deveriam apontar, quando solicitados, o que aprenderam no dia anterior, atividade chamada "Recordando".

A justificativa para tal estudo é a inquietação e a preocupação que surgiram durante o estágio de docência, oportunidade em que muitas vezes me questioneei sobre como os alunos estavam recebendo e processando as informações passadas em sala de aula. Pensava em como eu poderia estar contribuindo ou não para o avanço de algumas aprendizagens. Pensava em como eu poderia confundi-los ou não com um método diferente de trabalho, em suma, qual a influência da metodologia de trabalho em relação aos objetivos traçados no próprio currículo escolar e competências previamente estabelecidas. Pensava em como a minha intervenção com a turma poderia auxiliar ou atrapalhar a professora titular na continuidade de seu trabalho com a turma após o término de meu estágio. Diante dessas preocupações, dentre outras, pensei em perguntar aos alunos o que haviam aprendido e, a partir das respostas, analisar a relação existente entre os objetivos de aprendizado traçado e os resultados de tais informações realmente internalizadas.

O objetivo deste estudo é analisar as produções dos alunos, problematizando suas aprendizagens em relação às propostas pedagógicas e refletir sobre minha atuação enquanto docente.

¹ Estágio Obrigatório do 7º semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Rio Grande do Sul, realizado no período de 2012/1.

A metodologia consistiu em análise documental, dos materiais obtidos em três momentos durante meu estágio de docência e um momento após o seu encerramento.

No capítulo sobre metodologia abordo como foram os caminhos percorridos para coleta de dados da pesquisa, e o apoio teórico utilizado para a inspiração das intervenções realizadas.

No capítulo das análises dos dados, aparecerão divididos os quatro momentos da pesquisa que estão intitulados %Aprendendo sobre o que aprendi+, %Aprendendo sobre os guaranis+, %Recordando nossas aprendizagens+ e %Mensageiros do aprender+, juntamente com a revisão teórica.

Entre as análises dos dados e o capítulo sobre as considerações finais, foi introduzido um capítulo intitulado %E afinal, o que eu aprendi?+, onde abordo as minhas aprendizagens com esta pesquisa, com a turma e com o estágio de docência. No capítulo das considerações finais aponto que através desta pesquisa e da abordagem tomada por ela nos momentos de coleta de dados, pude constatar que retomar as aprendizagens com os alunos pode se tornar um importante instrumento de avaliação, tanto discente, quanto docente. Após analisar os materiais obtidos podemos perceber que, apesar de não ser uma tarefa fácil, a retomada das aprendizagens pode ser considerado um processo importante.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A coleta de dados ocorreu durante o estágio de docência que realizei em uma Escola pública localizada na região central do município de Porto Alegre. A Escola é frequentada por alunos das classes média e baixa, oriundos do próprio bairro da escola, bairros diversos de Porto Alegre e ainda alguns alunos da região metropolitana de Porto Alegre.

A turma selecionada foi aquela com a qual realizei o estágio de docência, sendo ela do 4º ano do ensino fundamental no turno da manhã e formada por 20 alunos. A quantidade de alunos inicialmente era menor, tendo a turma 16 alunos, com idade variando entre 9 a 12 anos. Apesar da coleta de dados ter sido sempre na mesma turma, houve variações no número de alunos, pois houve entradas e saídas de alunos ao longo do estágio e, além disso, no dia da coleta de alguns materiais, alguns alunos encontravam-se ausentes. O material dessa coleta de dados acabou constituindo um **mini-portfólio** com as aprendizagens identificadas pelos alunos.

A pesquisa realizada possui caráter qualitativo, pois, de acordo com a definição de LUDKE e ANDRÉ (1986), nesse tipo de pesquisa o pesquisador está presente no ambiente e em contato com o que está sendo pesquisado. Nesse sentido, os dados desta pesquisa foram coletados durante o período de estágio de docência, onde estava inserida na turma, e após o estágio. Os três primeiros materiais coletados foram produzidos durante o estágio de docência. O material que compõe a parte final do portfólio de aprendizagens foi produzido em uma visita à turma. Foi um reencontro e a oportunidade de realizar uma intervenção reelaborada, permitindo uma maior expressão da turma nas respostas.

O material inicial foi obtido durante a primeira atividade relacionada às aprendizagens identificadas, onde, através de uma pergunta, a turma deveria responder o que havia aprendido no dia anterior.

A leitura de LIMA (2007) trouxe inspiração para dar continuidade a essa atividade inicial. Ela relata, nesse texto, uma atividade que foi desenvolvida por uma professora de ensino fundamental, que desenvolveu seu trabalho utilizando um

caderno para seus alunos escreverem sobre suas aprendizagens. No estágio foram utilizadas as últimas folhas do caderno de cada aluno, onde, cada vez que fossem solicitados, deveriam escrever o que haviam aprendido na aula anterior.

Em meio ao desenvolvimento dessa atividade foi coletado outro material produzido em um trabalho após uma visita ao Museu da UFRGS. Nesse trabalho, os alunos foram questionados sobre o que haviam aprendido sobre a cultura dos Guaranis que eles não sabiam. Para fazer parte do portfólio, do trabalho feito pelos alunos, foi destacada apenas esta pergunta, pois foi mais relevante para o estudo sobre as aprendizagens.

Para finalizar o portfólio das aprendizagens, foi realizada uma visita à turma, três meses após o término do período de estágio. Para auxiliar no processo de pensamentos sobre como deveria ser essa última intervenção, contei com o apoio de DELVAL (2002), que serviu de inspiração para pensar de que maneira poderia realizar essa intervenção com a turma. Após a leitura das diversas formas que ele abordava entrevistas com crianças, percebi que a melhor maneira seria a realização de uma carta onde eles contariam um pouco sobre como foi o estágio em que estive com eles. Como a turma não conhecia a Professora Orientadora, eles tentariam passar para ela um pouco desses meses em que estivemos juntos.

Após a finalização da coleta desses materiais, foi iniciado um processo de análise para auxiliar na reflexão das respostas obtidas.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentados e analisados os dados obtidos em diferentes momentos de meu estágio de docência, realizado em uma turma de 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre. Em primeiro lugar, serão apresentados os dados obtidos por meio de fichas, a atividade inicial, ponto de partida para as outras. Em segundo lugar, serão apresentados os dados da pergunta retirada de um trabalho realizado após a visita ao Museu da UFRGS. Em terceiro lugar serão analisados os dados que foram coletados em uma atividade realizada ao longo de dez semanas, atividade denominada *Recordando* e que consistia em anotações no final dos cadernos. E, finalizando a apresentação de dados, serão analisados os dados que foram coletados após o término do estágio em uma visita à escola, ocasião em que cartas foram escritas pela turma.

Durante todas as experiências de docência que realizei durante minha trajetória na Universidade, sempre me preocupava a questão de como os alunos estavam interpretando minhas práticas. Pensava muito se esses momentos tinham ou não algum significado para eles.

No estágio de docência não foi diferente e essa questão começou a se apresentar de uma maneira mais perturbadora ainda. Preocupada com isso, refleti muito sobre o que poderia fazer para saber se as aulas que estavam acontecendo produziam ou não algum significado na turma. A realização dessas quatro atividades culminou na constituição de um *mini-portfólio*, material este que será o objeto das análises seguintes. Conforme HOFFMANN (2002), *Dossiês/ portfólios tornam-se instrumentos mediadores à medida que contribuem para entender o processo do aluno e apontar ao professor novos rumos*, e é nesse sentido que o material obtido com essas intervenções com a turma será utilizado. Servirá como material de reflexão e análise para pensar no que não deu certo, avaliar novas possibilidades e estratégias futuras.

3.1 APRENDENDO SOBRE O QUE APRENDI

No segundo mês de estágio levei pequenas fichas para a turma responder e cada aluno recebeu uma ficha que apresentava a pergunta que foi desencadeadora deste estudo. Essa pergunta inicial era: *“O que eu aprendi na aula de ontem?”*. Nesse primeiro momento participaram onze alunos, sendo que sete eram meninos e quatro meninas. Depois disso, foi aumentando a minha inquietação em relação às respostas que foram aparecendo ao longo dessa coleta de dados. Fui orientada a preservar esse material e incentivada a prosseguir nesse sentido de auxiliar os alunos a identificar o que estavam considerando importante durante as aulas.

Com as respostas iniciais, percebi que uma aula pode ser resignificada de uma forma diferente para cada aluno, pois em uma mesma aula podem surgir aprendizagens diversas. Para ilustrar as respostas que os alunos apresentaram, informando as aprendizagens de uma aula, destaco algumas delas abaixo.

“O que era cultura e patrimônio”(G, F, 9)²; *“Coisas sobre cultura, museu, pesquisei no dicionário”*(B, M, 9); *“Museus de Porto Alegre”*(LB, M, 9); *“História de Porto Alegre”*(VC, M, 9); *“Que a raça mais evoluída é a raça pacífica, ou seja, os índios”*(N, M, 9); *“Índios”*(LA, M, 10).

Após a leitura dessas respostas, podemos perceber a importância de dar espaço para os alunos poderem destacar suas impressões no decorrer das aulas. Aproveitar esses momentos para utilizar essas respostas como material importante de análise e de avaliação das aulas ocorridas, estarmos sempre refletindo sobre nossas atitudes enquanto docente.

Avaliar para promover significa, assim, compreender a finalidade dessa prática a serviço da aprendizagem, da melhoria da ação pedagógica, visando à promoção moral e intelectual dos alunos. O professor assume o papel de investigador, de esclarecedor, de organizador de experiências significativas de aprendizagem. Seu compromisso é o de agir refletidamente, criando e recriando alternativas pedagógicas adequadas a partir da melhor observação e conhecimento de cada um dos alunos, sem perder a observação

² Entre parênteses, constará a letra inicial do nome de cada aluno para preservar sua identidade, F para menina, no sentido de feminino, M para menino no sentido de masculino e as idades respectivamente.

do conjunto e promovendo sempre as ações interativas (HOFFMANN, 2002, p. 22).

A preocupação docente em relação às aprendizagens de seus alunos pode e deve auxiliar na busca de novas maneiras de conduzir suas aulas. Nessa perspectiva, o professor pode permitir que seus alunos busquem e identifiquem sentidos e possam destacar o que consideram de significativo nas suas aprendizagens.

3.2 APRENDENDO COM OS GUARANIS

Depois disso, resolvi continuar perguntando aos alunos sobre as suas aprendizagens em diferentes momentos das aulas, e pensava em maneiras de poder perceber o que os alunos estavam conseguindo aprender ou agregar aos conhecimentos já adquiridos. Uma das atividades foi realizada por ocasião de uma visita ao museu da UFRGS, onde estava acontecendo uma exposição "Oretatapy: presença mbya-guarani no Sul e Sudeste do Brasil". Considerei que uma visita ao museu poderia ser interessante para continuarmos os estudos sobre a cultura indígena, visita esta realizada no mês de abril. Acreditando serem importantes esses momentos de aulas não tradicionais, assim como FREINET (1973) traz em sua obra, momentos esses de "aula-passeio", ou seja, unir o passeio ao conteúdo das aulas, ou trazer as vivências do passeio para dentro da sala de aula. Nesse sentido, essas visitas só enriqueceriam e trariam vivacidade para dentro de nossa sala de aula.

A aula-passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar, sonolento, diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde, partia com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia [...] Observávamos o campo nas diversas estações: no Inverno, víamos os grandes lençóis estendidos sob as oliveiras para receber as azeitonas varejadas; na Primavera, as flores de laranjeira em todo o seu encanto, as quais pareciam oferecer-se às nossas mãos; já não examinávamos, como professor e alunos, em torno de nós, a flor ou o insecto, a pedra ou o regato. Sentíamos-os com todo o nosso ser, não só objectivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave morta... (FREINET, 1973, p.23).

Esse contato com um novo lugar, diferente da escola, assim como FREINET destaca a experiência dos alunos e dele com o ambiente, no trajeto da visita, também pudemos presenciar o contato dos alunos com o caminho percorrido.

Durante a visita também pude identificar o encantamento da turma ao escutar o monitor e ao visualizar as peças da exposição. Se essas mesmas informações fossem ensinadas na sala de aula, acredito que a turma não dispensasse tanto tempo de escuta, e não estariam tão concentrados na explicação que alguém com mais conhecimento nesse assunto proporcionou para eles. Cada ambiente visitado deixava a turma mais curiosa e contente com as novas descobertas.

Despertado o desejo de aprender nos alunos, é compromisso do educador torná-los ativos, criando cenário educativo provido de recursos e conteúdos do saber. Mobilizados, eles irão viver diversificadas experiências educativas que poderão ser mais ou menos favorecedoras da sua construção de conhecimento conforme as oportunidades que lhe forem oferecidas (HOFFMANN, 2002, p. 138).

De acordo com HOFFMANN, o professor tem o compromisso de mobilizar seus alunos e penso que esses passeios colaboram com essa mobilização e proporcionaram aos alunos contato com novas experiências e vivências. Vivências essas que só podem contribuir no ambiente da sala de aula e na riqueza de trabalhos que virão seguidos desses novos saberes e isso ressuscitará a vivacidade para sala de aula novamente.

Após a visita, pensando nas tantas coisas que aprendemos naquele momento, foi elaborado um trabalho. Nesse trabalho, os alunos deveriam responder três perguntas sobre a visita, desenhar algo que gostaram e relatar um pouco sobre como foi a visita ao museu. Desse trabalho, foi selecionada a pergunta que se referia às aprendizagens sobre a cultura Guarani, algo que eles desconheciam. A pergunta era: **o** que você aprendeu sobre a cultura dos guaranis que você não sabia?+

As respostas estão agrupadas por assuntos, onde iremos verificar o quanto o passeio tornou-se significativo para essa turma em diferentes aspectos, chamando a atenção de maneira diversificada para cada aluno. Nesse trabalho, contei com a participação de quinze alunos, sendo que dez eram meninos e quinze meninas.

3.2.1 Específico para mulheres

Nesse primeiro bloco, os alunos destacaram um instrumento musical que só as mulheres poderiam tocar, chamado Takuapu (bastão de ritmo). Esse instrumento chamou muito a atenção deles pelo fato de só poder ser tocado pelas mulheres e alguns lembraram até do tamanho que esse instrumento tinha. Dos quinze alunos que foram ao passeio, seis citaram esse instrumento musical.

%Que tinha instrumentos específicos para as mulheres, que existiam milhos de cores diferentes, que tinham de fazer rituais para matar os animais, etc+(N, M, 9); %Um bambu que só podia tocar só mulheres, esse bambu tinha 1m30cm+(LB, M, 9); %Que eles têm instrumentos que só mulheres podem tocar+(J, M, 9); %Que tem um instrumento musical que só mulheres tocam+(LI, F, 9); %Que tem objetos que só as mulheres podem tocar+(C, F, 9); %Que tinha um instrumento que só a mulher podia tocar. E que não falavam, e a Opã só podia entrar quem era Guarani+(G, F, 9).

Além de escutarem explicações sobre o instrumento, eles o visualizaram e a professora titular da turma o tocou juntamente com B (M,9) que tocou o chocalho, fazendo um ensaio musical.

Era normal que, nesta atmosfera nova, neste clima não escolar, quiséssemos, espontaneamente, criar relações bastante diferentes das relações demasiado convencionais da escola. Falávamos, num tom familiar, os elementos de cultura que nos eram peculiares e de que tirávamos todos, professor e alunos, benefícios evidentes (FREINET, 1973, p. 23).

Nesse momento de integração entre a professora e B. ficou visível que os dois estavam se divertindo muito e os outros alunos também estavam integrados nesse momento de descontração. Estavam todos aprendendo algo novo de uma cultura que desconheciam.

3.2.2 Crianças sem nome

Dos quinze alunos, cinco citaram que aprenderam sobre como as crianças recebiam nome. Outros ainda recordaram a explicação para o fato de a criança demorar a ter nome, que, segundo explicações do monitor, seria o fato de só após andar, de andar sobre os pés e não utilizar o apoio de suas mãos, a criança começava a ser pertencente à tribo. Ela engatinhado ainda mais se parecia com um animal do que um humano, então não era considerado ainda membro da tribo, só após andar receberia o nome que o Xamã escolheria através de um ritual.

%Eu não sabia que os guaranis não davam nomes para bebês, porque quando

engatinha parece uma onça+(LA, M, 10); %Quando alguém nasce não ganha nome ainda+(RA, M, 9); %Que só quando as crianças aprendem a caminhar que começa ser participante da tribo+(B, M, 9);%Como eles dão o nome para as crianças+(LO, F, 9).

No mesmo ambiente em que houve o ensaio musical, eles assistiram a um vídeo que estava passando e o monitor ia dando explicações sobre o que estava acontecendo. A turma estava muito participativa em todos os momentos.

Ainda sobre essa visita, foram destacadas outras aprendizagens sobre a cultura dos guaranis que eles desconheciam. Dos quinze alunos que realizaram o trabalho, quatro alunos destacaram ainda outras respostas sobre suas aprendizagens.

%As armadilhas+(RO, M, 9). %fazem escultura de animais de madeira e os instrumentos+(VC, M, 12). %Os trabalhos de madeiras+(G, M, 10). %Eu aprendi que tem vários tipos de milhos+(I, F, 10).

Percebemos que aqui aparecem diferentes respostas ainda sobre a mesma visita, e cada aluno apontou o que havia aprendido. Inicialmente em outros trabalhos realizados sobre a cultura indígena, tivemos poucos elementos para estudos e para que despertasse o interesse da turma. Com o passeio e a visita nessa exposição, além de novas explicações, o museu ainda contava com recursos de vídeos, materiais e um ambiente climatizado, que favoreceu e enriqueceu o conhecimento dos alunos.

Denomino por experiências educativas as situações vividas pelos estudantes no ambiente escolar e que tenham por objetivo sua ~~%atividade intelectual~~ realização de tarefas de todas as naturezas, experimentações em laboratórios, jogos individuais ou em grupos, visitas e passeios, assistir a filmes, teatros, atividades em computador, manuseio de materiais diversos, brincadeiras, debates, enfim, toda a enorme gama de alternativas didáticas que poderão ser organizadas nesse sentido (HOFFMANN, 2002, p. 140).

Proporcionar essas diferentes vivências para nossos alunos, oportunizando um ambiente rico que poderá ou não estimular a criatividade e ampliar o conhecimento de todos, alunos e professores, pode ser uma tentativa de melhorar as aulas e de torná-las mais atrativas.

3.3 RECORDANDO NOSSAS APRENDIZAGENS

Após a pergunta inicial, geradora das demais atividades relacionadas à identificação das aprendizagens dos alunos, e após a leitura de LIMA (2007), foi realizada a atividade nomeada *Recordando*. LIMA conta a experiência de uma professora que realizou essa mesma atividade utilizando um caderno destinado para isso. Pensando em sua intervenção, resolvi solicitar aos alunos que separassem as três últimas folhas de seus cadernos para a realização da atividade. Foi colado um cabeçalho em todos os cadernos, na primeira das três folhas selecionadas, com a seguinte informação: *Recordando... O que eu aprendi na aula?*. Toda vez que fossem solicitados, os alunos deveriam escrever o que haviam aprendido na aula anterior, o que geralmente ocorria no início da manhã, após a cópia do roteiro.

Para a formação de novas memórias dos conteúdos escolares, o aluno precisa, desde o início da escolarização, ser ensinado o que fazer e como para aprender os conhecimentos envolvidos nas aprendizagens escolares. O aluno precisa ser capaz de *refazer* o processo de aprendizagem. Refazer implica tanto em recapitular o conteúdo ensinado, como em retomar as atividades (humanas) que o levaram a *guardar* o conteúdo na memória de longa duração (LIMA, 2007, p.29).

Pensando sobre as palavras de LIMA, também considerei importante realizar essa atividade com a turma, para incentivá-los a pensar e a buscar respostas sobre suas aprendizagens escolares. Essas respostas eram relacionadas ao que havia acontecido em aula, e cada aluno poderia responder como e o que lembrasse, e, às vezes, alguns auxiliavam os outros nessa retomada. Essa atividade iniciou em abril e teve continuidade até junho, sendo realizada em média três vezes em cada semana. Nessa coleta das últimas folhas contei com a participação de dezessete alunos, sendo nove meninos e oito meninas.

A seguir serão apresentados os dados coletados nas folhas retiradas dos cadernos, sendo que as respostas estão separadas por similaridades e as respostas estão separadas por ponto e vírgula para identificar que cada resposta foi em uma data diferente.

3.3.1 Não aprendi nada

Iniciarei com a resposta que foi dada por quatro alunos e que se tornou mais perturbadora durante os momentos de intervenção com a turma durante essa atividade. Durante esses três meses de atividade, a cada resposta que um desses quatro alunos colocava, identificando que não haviam aprendido nada, mais eu ficava preocupada com as aulas que estavam ocorrendo e o que poderia estar saindo de errado em meus planejamentos. O que eu poderia fazer para atingir esses alunos? O que poderia fazer para tornar as aulas mais atrativas para esses alunos? Como modificar as aulas e permitir que esses alunos encontrem um significado naquelas aprendizagens levadas? Muitas foram minhas indagações em relação a essas respostas. Pensando nesses momentos de perturbação que vivenciei, resolvi intitular meu trabalho com essa resposta que me impulsionou em muitos momentos a procurar estratégias diferenciadas para as aulas.

Agora, neste momento de análise em que me encontro, percebo que essas respostas que não identificam aprendizagem alguma, se comparadas proporcionalmente com as que encontraram, são poucas. Dos dezessete alunos de quem obtive o material, somente quatro não identificam aprendizagem e os outros treze alunos tentavam pensar nos momentos de aula para refletir sobre o que haviam aprendido.

Para o aluno auto-avaliar-se é altamente favorável o desafio do professor, provocando-o a refletir sobre o que está fazendo, retomar passo a passo seus processos, tomar consciência das estratégias de pensamento utilizadas. Mas não é tarefa simples. Para tal, ele precisará ajustar suas perguntas e desafios às possibilidades de cada um, às etapas do processo em que se encontra, priorizando uns e outros aspectos, decidindo sobre o quê, como e quando falar, refletindo sobre o seu papel frente à vulnerabilidade do aluno (HOFFMANN, 2002, p. 79).

Diante da dificuldade dessas retomadas de lembrar sobre o que aprenderam, não desconsidero tais respostas, pois elas foram importantíssimas em todo esse processo, tanto durante o estágio, como continuam sendo importantes agora para refletir sobre o que elas podem estar querendo dizer. Trago as palavras de MARQUES (2010), para reforçar a importância de o professor estar atento ao pensamento de seu aluno: $\frac{1}{2}$ na medida em que pesquisa que o professor descobre o que ensinar e como fazê-lo. O professor que pesquisa

permanentemente o pensamento do seu aluno, não só como conteúdo, mas também como capacidade, tem mais chances de ter sucesso ao ensinar. Nessa perspectiva, e considerando importante esse processo de relembrar com os alunos suas aprendizagens, trago abaixo as respostas sobre os que não identificavam aprendizagens.

%Eu não aprendi nada; %Não aprendi; %Eu não aprendi nada de novo; %Nada de novo; %Eu não aprendi nada; %Nada que seja novo+(LO, F, 9); %Eu não aprendi nada; %Não aprendi nada; %Eu não aprendi nada; %Não aprendi nada; %Eu não aprendi nada; %Nada+(G, F, 9); %Eu já sabia tudo; %Eu já sabia tudo; %Eu já sabia tudo; %Eu já vi tudo; %Eu já sabia tudo+(G, M, 10); %Não aprendi nada+(N, M, 9).

Em muitas aulas foram tratados conteúdos que os alunos já haviam visto no ano anterior, porém esses conteúdos não estavam sendo estudados da mesma maneira que foi proposto para a turma anteriormente. Os conteúdos eram os mesmos em alguns aspectos, porém foram agregados novos elementos com um grau de dificuldade maior, conforme era previsto nos conteúdos estabelecidos para o 4º ano da escola. Revendo os dias referidos pelos alunos como um dia sem aprendizagens na aula, ao ler os roteiros diários e os planos de aulas, identifiquei conteúdos cujos nomes seriam de conteúdos já identificados pelos alunos como aprendidos.

Na tentativa de entender porque, mesmo assim, os alunos não identificam nenhuma aprendizagem nova, PIAGET (1983) contribui e nos auxilia nesse entendimento sobre o *inconsciente cognitivo* e como se apresenta em cada indivíduo.

Mas o indivíduo mesmo não sabe que construiu tal estrutura e acredita raciocinar da mesma maneira. Ele sabe ainda menos sobre o que se apoia essa estrutura [...] nem como ou por que ela se tornou necessária para ele: numa palavra, ele tem consciência dos resultados que obtém, mas não dos mecanismos íntimos que transformaram seu pensamento, as estruturas dele permanecem inconscientes como estruturas. São esses mecanismos como estruturas que chamaremos globalmente o *inconsciente cognitivo* (PIAGET, 1983, p.228).

Nesse aspecto, relacionando com o fato apresentado pelos alunos de não identificarem aprendizagens, podemos supor que eles acabaram determinando que como já haviam aprendido tal conteúdo, não aprenderam nada, pois já sabiam sobre esse assunto. Mesmo não sendo da mesma maneira, nem exatamente a

mesma aprendizagem, o que ficou registrado para eles foi o resultado final, então, dessa forma, eles percebem que não aprenderam nada, pois já chegaram naquele resultado de certa maneira, independente das outras aprendizagens adquiridas.

Os alunos também poderiam responder que não aprenderam nada pelo simples fato de não estarem dispostos a ficarem na tentativa da lembrança da aula anterior. Porém, esses quatro alunos, nos dias que tínhamos conteúdos considerados novos por eles, acabavam sempre nesses dias, identificando alguma aprendizagem.

3.3.2 Maquetes bairro da escola

Em uma tentativa de proporcionar momentos de cooperação em sala de aula, para dar continuidade aos estudos de mapas, Porto Alegre e bairros, foi planejada a elaboração de uma maquete do bairro da escola. Os alunos trabalhariam em grupo, pois, assim como destaca PARRAT-DAYAN (2009): “*É por meio do trabalho cooperativo em grupos pequenos que os alunos experimentam diversas formas de interação nas quais regras e normas estão presentes.*” Acreditando ser importante para turma trabalhar cooperativamente foi dado seguimento a essa atividade.

Esse foi o primeiro trabalho realizado em grupo na turma e foram formados três grupos com quatro integrantes. Organizamos os grupos em três etapas, sendo que, primeiramente, contamos quantos haviam vindo, então calculamos quantos grupos poderiam ser formados e quantos alunos ficariam em cada grupo. Depois dessa etapa, partimos para a formação dos grupos, que foram escolhidos pelos alunos por questões de afinidades. Foram selecionando os participantes e eu ia formando os grupos no quadro, etapa que ocorreu antes do recreio, depois do recreio eles iriam realizar o trabalho de fato. O trabalho ocorreu de maneira inicialmente turbulenta, em muitos momentos precisei intervir nos grupos para que o trabalho pudesse ter uma continuidade. Os ânimos em muitos momentos foram sendo alterados e eu ia mediando esses conflitos que foram aparecendo para que não ocorressem brigas e todos pudessem dar a sua contribuição no trabalho. Dos três grupos, dois foram compostos por meninos e um por meninas. Eles finalizaram os trabalhos e então colocamos em classes atrás na sala, para que ficassem

expostos.

No outro dia, quando solicitei que fizessem o *%Recordando+*, um dos meninos colocou que já sabia tudo e não havia aprendido nada, pois já havia feito maquete no ano anterior. No grupo das meninas elas não haviam ficado contentes com o resultado de seu trabalho, então também não identificavam aprendizagem alguma. Conversei com elas a respeito de seu trabalho e após nossa conversa duas das quatro colocaram as respostas abaixo.

%Eu aprendi que se a gente não se organizar, a gente não acaba as coisas na hora que tem que ser+(G, F, 9); %Aprendi a dividir o tempo (LO, F, 9).

Elas perceberam que, se tivessem se organizado melhor, poderiam ter terminado o trabalho da maneira que haviam imaginado, porém ficaram preocupadas com outras questões e divergências de opiniões e acabaram não finalizando o trabalho. Quando fui questionada por elas sobre a possibilidade de realizar a tarefa no outro dia, expliquei que o tempo destinado para essa atividade havia sido aquele e que infelizmente não iríamos retomar essa atividade, não da mesma maneira.

Outros alunos identificaram que aprenderam a fazer maquetes, havíamos realizado essa atividade na metade da aula, cinco alunos consideraram essa aprendizagem importante.

%Maquete+(LB, M, 9); %Eu aprendi fazer maquete+(VH, M, 12); %Eu aprendi fazer uma maquete+(LA, M, 10); %Maquetes+(B, M, 9); %Maquete-correções+(RA, M, 9).

Ao repensar sobre as estratégias formuladas e reformuladas pelos alunos para o desenvolvimento de suas maquetes, verifiquei que trabalhar em grupo poderia ser uma boa estratégia de cooperação e uma forma de trocas de aprendizagens entre o grupo.

Vemos, pois, que a cooperação não age apenas sobre a tomada de consciência do indivíduo e sobre seu senso de objetividade, mas culmina na constituição de toda uma estrutura normativa que sem dúvida coroa o funcionamento da inteligência individual, completando-a, contudo, no sentido da reciprocidade, única norma fundamental que conduz ao pensamento racional. Pode-se, portanto, dizer, a nosso ver, que a cooperação é efetivamente criadora, ou, o que dá na mesma, que ela constitui a condição

indispensável para a constituição plena da razão (PIAGET, 1998, p. 144).

Percebi que, apesar das divergências que ocorreram nos grupos, eles também cooperaram muito entre seus colegas de grupo e em algumas situações com os colegas dos outros grupos. Além da cooperação dos alunos eu também cooperava com os grupos, portanto, trabalhar em grupo acabou sendo uma forma de trabalho onde estive muito presente nos grupos, mediando os conflitos e auxiliando-os o tempo todo. Pensando nisso, quis continuar proporcionando para turma esses momentos, e tentei por em prática em meus planejamentos outras aulas em que a turma pudesse trabalhar em pequenos grupos.

3.3.3 Receita de bolo

Após escutar algumas orientações sobre aulas diferentes de matemática, resolvi tentar realizar uma dessas atividades com a turma também. Em uma aula anunciei para os alunos que iria colocar um problema no quadro e eles deveriam resolvê-lo. Escrevi o seguinte enunciado: Quanto vou gastar para fazer um bolo de chocolate? Terminei de escrever e um aluno já havia dito: *%Sora, acho que você se enganou, está faltando números, assim não temos como calcular+* Com isso, fui instigando os alunos a tentar pensar sobre maneiras de tentar resolver esse problema. Após algumas sugestões, estabelecemos o critério de que cada um deveria colocar os ingredientes que sabiam que eram utilizados para fazer um bolo de chocolate. Foram várias formas diferentes que os alunos iam relatando sobre o preparo do bolo, maneiras que eram utilizadas por mãe ou familiares. Um dos alunos, além de colocar os ingredientes, colocou também o preço da forma e do livro de receitas, que, segundo ele, seria necessário para saber como fazer o bolo e como não tinha forma precisaria de uma. Para correção, eu iria utilizar o cálculo feito, se conforme os valores colocados por cada aluno estavam corretos em relação às suas somas.

%Receita+(B, M, 9); %Eu fiz um desafio+(C, F, 9); Matemática+(LB, M, 9); %Eu aprendi a receita de bolo+(VH, M, 12).

Com essas aprendizagens destacadas, considero ter sido importante para a turma ter realizado a solução desse problema, pois puderam utilizar outros conhecimentos do seu cotidiano. GOLBERT (2010) salienta: *%Daí a necessidade de*

o professor orientar a aprendizagem com os recursos e situações matemáticas extraídas do contexto social da criança: seus alimentos, seus brinquedos, suas roupas, seus animais de estimação, e assim por diante+. Durante algumas aulas podemos contemplar esses estudos com as vivências da turma, o que foi interessante, pois foram aulas com muitas trocas de informações entre os alunos.

3.3.4 Ciências

Conforme era previsto para o 4º ano, teríamos que estudar sobre o sistema solar. Em conjunto com a professora titular da turma, solicitamos que os alunos fizessem um trabalho de pesquisa sobre alguns temas relacionados ao sistema solar e que essas pesquisas seriam utilizadas para construção de um polígrafo de Ciências. A professora titular ficaria responsável pela junção das pesquisas e o pai de uma das alunas, que era desenhista, ficou responsável por realizar a confecção da capa deste trabalho. Foi um trabalho feito coletivamente e todos os conhecimentos relativos a Ciências seriam colocados nesse polígrafo. Dos dezessete alunos, quatorze identificaram aprendizagens relativas ao polígrafo e aos estudos sobre ciências.

%Fizemos a Apostila e aprendemos um pouco dos planetas+(G, F, 9); %Quarta-feira aprendi mais coisas no polígrafo de Ciências+(LI, F, 9); %Eu aprendi sobre o Sistema Solar+(J, M, 9); %Gravidade+(LO, F, 9); %Ciências+(LB, M, 9); %Eu aprendi o lixo espacial+(VH, M, 12); %Polígrafo+(LA, M, 10); %Texto sobre lixo espacial+(B, M, 9); %Eu gostei de aprender sobre a gravidade+(G, M, 10); %A gente fez exercícios sobre o polígrafo+(VI, F, 10); %Polígrafo: lixo espacial+(RA, M, 9); %Eu fiz o polígrafo de ciências+(C, F, 9); %Ciências+(RO, M, 9); %Continuação do polígrafo+(ME, F, 10).

Essa atividade tornou-se significativa para esses alunos, pois todos construíram juntos seus polígrafos, cada um foi montando o seu, conforme íamos avançando nos estudos. Junto com os estudos dos planetas e a construção do polígrafo, também realizamos uma visita ao Planetário, que antes da visita também foi objeto de estudo presente nesse polígrafo.

Na realidade, quando aprendemos de verdade, quando atingimos o que alguns chamam de aprendizagem significativa, estamos formulando conjecturas e pondo-as à prova para ver se se confirmam ou se são rejeitadas pela experiência. Assim é que trabalha o investigador e como progride a ciência. Mas, para isso, é necessário tomar consciência de que existe um problema e encontrar uma solução (DELVAL, 2010, p. 127).

Esse estudo também foi importante para nós professoras, pois fez com fôssemos atrás de novas informações para acrescentar nesse polígrafo. Utilizamos outras fontes de informações como as visitas e o vídeo assistido pela turma, também pesquisamos bastante antes de trazer as informações para a turma.

3.3.5 Museu Vivo

Para realizar o fechamento do projeto realizado no estágio, foi organizado um *Museu Vivo*, onde os alunos apresentariam, aos pais e convidados da escola, alguns trabalhos construídos nesses meses. Foram selecionados cinco trabalhos, onde um grupo de quatro ou cinco alunos explicaria sobre a construção desse trabalho, como foi organizado e o que eles aprenderam com esse trabalho. Os trabalhos selecionados foram: Polígrafo de Ciências, Varal das Gentilezas, Maquetes, Informativo sobre o lixo e os estudos sobre os Museus. Dos dezessete alunos, quatorze destacaram o museu vivo como aprendizagem significativa.

Fizemos o Museu Vivo+(G, F, 9); *museu vivo*+(LI, F, 9); *Reunião museu*+(J, M, 9); *Museu Vivo*+(LB, M, 9); *Organização dos grupos para museu vivo*+(VH, M, 12); *Visita do Museu Vivo* (LA, M, 10); *Museu Vivo*+(B, M, 9); *Ontem a gente fez Museu Vivo*+(VI, F, 10); *Organização Museu Vivo*+(RA, M, 9); *Fui na segunda reunião do museu*+(C, F, 9); *Treino museu vivo*+(RO, M, 9); *Fui aprendi a ser monitor*+(N, M, 9); *Museu Vivo*+(ML, F, 9); *Terça- treino para museu vivo*+(ME, F, 10).

Nesse trabalho, os alunos foram os protagonistas, tanto na confecção dos materiais quanto na hora de relatar aos pais as informações a respeito do mesmo. A última visita realizada com a turma ao Museu Joaquim José Felizardo também contribuiu para o sucesso deste trabalho final, pois deu elementos para os alunos realizarem a sua apresentação diante dos pais.

Não se aprende de uma única maneira, pois as formas de aprender são múltiplas e complementares. Aprendemos agindo por nossa própria conta, compartilhando atividades com outros, imitando o que os outros fazem, ou escutando narrativas e histórias que descrevem atividades de outros indivíduos (DELVAL, 2010, p. 126).

No dia da *aula-passeio* ao Museu Joaquim José Felizardo, a turma tinha a tarefa de observar como seriam recebidos, como os objetos estavam posicionados e identificados, pois essas informações seriam importantes para a construção do nosso *Museu Vivo*. Vivenciando essa experiência ficou mais fácil para a turma visualizar como ficaria a organização do nosso museu, além de complementarem

informações que estudamos sobre a cidade de Porto Alegre.

3.4 MENSAGEIROS DO APRENDER

3.4.1 Expectativas antes da visita

Com a ideia de complementar o portfólio de aprendizagens com um último material de fechamento, foi realizada uma visita à escola onde ocorreu meu estágio de docência. Esse foi um momento de reencontro, onde eu depusitei muitas expectativas e os alunos também, foram relatadas essas expectativas por eles e pela professora titular da turma, que dizia que eles estavam muito ansiosos com a minha visita. Também pude identificar essa expectativa relatada pela professora, nas falas de alguns alunos através do Facebook³, onde mantenho contato com alguns alunos.

Decidiu-se, com inspiração em DELVAL (2002), que seria mais interessante que a turma pudesse se expressar através de cartinhas onde poderiam contar um pouco de como foi o estágio, o período em que eu estive com eles juntamente com a Professora Titular. Penso que essa produção dos alunos foi muito importante e também obtive algumas surpresas em relação às suas aprendizagens, pois, dessa forma, eles puderam contar de uma maneira mais livre o que quisessem sobre esses meses em que estive com a turma.

3.4.2 Dia da visita

Confesso que eu também estava muito ansiosa e um pouco nervosa com a visita, nervosa pelo fato de encontrá-los e pedir a colaboração da turma para mais uma contribuição deles nesse processo de reflexão em que me encontro. Refletir e pensar nos momentos em que estive com eles: o que contribuí? O que poderia ser diferente? Como melhorar algumas intervenções e atividades? Pensar também em como esse trabalho foi e está sendo importante na minha vida, e ainda como esses momentos tocaram a turma, cada aluno de uma forma única e diferente.

³ **Facebook** é um site e serviço de rede social que foi lançada em 4 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook. Informações retiradas do Wikipédia, ver referências.

Cheguei à escola e me direcionei à sala da turma no horário combinado com a professora titular, e, ao chegar à porta da sala, que estava aberta, alguns já haviam me avistado e foram levantando e se dirigiram à porta, ao meu encontro. Assim foram vindo os outros e a maioria da turma estava esperando para me cumprimentar. Foi uma recepção bem calorosa que me deixou muito contente, pois fui recebida com muito carinho, por eles e pela professora da turma.

Após os cumprimentos, conversamos um pouco e eu expliquei para eles que o motivo da visita era revê-los e também pedir a ajuda deles na realização do meu trabalho de conclusão do meu curso. Expliquei que assim como a professora orientadora do estágio os visitou e conheceu a turma, agora eu estava fazendo meu trabalho com a ajuda de outra professora. Essa professora havia ficado muito curiosa em relação ao tempo em que estive com eles e havia pedido que eles escrevessem uma pequena cartinha relatando um pouco desses momentos. Todos foram muito solícitos e ficaram contentes em poder ajudar.

Alguns foram terminando e, ao entregar suas cartinhas, eu ia devolvendo alguns textos que haviam ficado comigo, outros vinham para contar coisas que estavam acontecendo na turma e em suas vidas também. Um deles contou que iria ganhar uma irmãzinha, contaram da visita que foram assistir uma orquestra e também no acampamento Farroupilha no piquete onde uma colega fica com a família. Mostraram que estavam avançando nas contas de matemática, que haviam concluído o polígrafo de Ciências que estava sendo construído, e que iniciou no estágio e continuou com a professora Titular. Foram muitos acontecimentos novos que eles foram relatando e eu fui ouvindo com muita atenção.

Ao final da visita, organizei as cartinhas entregues, fui me despedindo deles, que foram copiando o tema, e a professora foi liberando-os aos poucos. Agradei a ajuda da turma, e um deles comentou: *“agora vai ficar fácil, pois te ajudamos bastante, agora você terá de escrever só um pouquinho”*. Achei muito engraçado e falei que sim, eles estavam me ajudando bastante.

3.4.3 Depois da visita, algumas percepções

Ao sair da escola fui lendo as cartinhas no ônibus e fiquei muito feliz com o resultado, pois foram aparecendo muitas coisas interessantes. Percebi que essa

escrita dos alunos complementou muito as outras produções anteriores e agregou novos elementos, pois apareceram muitas coisas que não haviam sido apontadas nas outras escritas da turma.

Essa forma de escrita, através da carta, possibilitou que os alunos pudessem escrever de uma maneira mais livre, assim foram colocando e destacando coisas que partiram deles. Poderia ter sido diferente ou outras considerações apareceriam se eu tivesse feito uma pergunta bem objetiva, e talvez as produções não tivessem sido tão ricas e carinhosas.

3.4.4 Pequenos mensageiros, grandes aprendizagens

Algumas escritas foram comuns a várias cartas, foram descrevendo fatos e aprendizagens, momentos que consideraram importantes e significativos para eles. Dentre o que os alunos foram destacando, suas falas foram organizadas em blocos de similaridades, onde serão destacados as %aulas-passeios+, os trabalhos em grupos, polígrafo de ciências, recordando, matemática, varal das gentilezas, brincadeiras e relação de afeto professor e aluno. Nessa última coleta de dados contei com a participação de dezenove alunos.

Abaixo iniciarei com as narrativas sobre as visitas realizadas. Dos dezenove alunos, seis apontaram algo sobre as %aulas- passeios+.

%Nós também fomos no Planetário e nos divertimos, foi bem legal. Fomos no museu, um negócio chamado Oretataip+(RA, M, 10); %ã.] fomos em vários passeios [...]. Fizemos textos sobre o passeio do museu Guarani e sobre o lixo+(C, F, 9); %A gente também foi em muitos passeios como: Planetário, Museu da UFRGS e Joaquim Felizardo+(VI, F, 10); %A gente foi em vários lugares juntos como: os museus, que foram muito legal com a presença da prof. Josiane+(G, F, 9); %Também fizemos passeios muito legais, como: Planetário Prof. José Baptista Pereira, foi muito legal!+(LO, F, 9); %fizemos vários passeios, mas só fui em um esse foi o do planetário+(LU, M, 10).

Aqui percebemos o quanto as visitas foram importantes para essa turma, pois vários deles foram destacando os passeios realizados, textos que fizeram, pequenos relatórios sobre essas visitas, apontaram o passeio como algo divertido também. Como já havia destacado anteriormente através de FREINET, as visitas se tornaram algo importante para a turma, professor e aluno vivenciando novas aprendizagens e podendo entrar em contato com um novo ambiente enriquecendo nossa aprendizagem.

Agora serão apontadas narrativas destacadas por alguns alunos sobre os trabalhos realizados em duplas e grupos. Dos dezenove alunos, quatro apontaram os trabalhos em grupos.

%a.] ela sempre fazia trabalhos em grupos+(E, M, 10); %fiz trabalho em grupo [...] trabalhos em duplas até junho+(RO, M, 9); %também fizemos trabalhos em grupos+(LU, M, 10); %teve trabalhos bem legais em grupos+(ML, F, 10).

Nessas quatro falas, destaco um que considera *%trabalhos bem legais em grupos+*, pois, em alguns momentos, essa mesma aluna tinha um pouco de resistência em realizar trabalhos com alguns colegas. Vejo que foi uma importante experiência para ela, pois foram momentos em que pode exercer a cooperação e o aprendizado coletivo.

Enfim, para trabalhar de forma eficaz no grupo cooperativo, os alunos devem utilizar habilidades sociais e cognitivas. As habilidades sociais permitem ao aluno desenvolver e manter as relações harmoniosas no grupo. [...] as habilidades cognitivas permitem ao aluno lidar melhor com a informação disponível e associá-la a conhecimentos anteriores (PARRAT-DAYAN, 2009, p. 39).

Permitir aos alunos que possam realizar esses trabalhos em grupos auxilia em muitos aspectos e pode oportunizar uma melhora nas relações e trocas com os colegas. Inicialmente pode haver conflitos em todos os trabalhos realizados, mas o grupo vai criando estratégias e, através da mediação do professor, esses trabalhos vão se tornando significativos para todos.

Dos dezessete alunos, sete mencionaram o recordando, alguns colocaram como era conduzida essa atividade de lembrar em nossas aulas.

%a.] recordando O que eu fiz na aula de ontem. O recordando é onde a gente escreve o que fez na aula ontem+(C, F, 9); %Com a Josiane, a gente fez recordando,... O recordando é onde a gente escreve o que lembra do texto que leu. Por exemplo: Eu li um texto sobre um gato, então você tem que escrever o que lembra desse texto+(VI, F, 10); %Nós tivemos um pequeno trabalho que era o Recordando, que cada dia a gente escrevia um pouco do que a gente aprendeu no dia anterior+(G, F, 9); %a gente fazia o recordando no fim do caderno por exemplo: se eu li um texto sobre estrelas e fiz colagem, eu teria que escrever o que eu aprendi naquela manhã+(LO, F, 9).

Com o material que obtive durante essa atividade, pude perceber que é importante refazer com os alunos esse processo. Talvez pudesse ser realizada de várias maneiras diferentes, porém, como material inicial, ele dará subsídios para

pensar em um novo sentido para essa atividade futuramente, numa próxima tentativa de retomada das aprendizagens.

Ao promover tais ações e desafiar os estudantes a refletir, o professor também estará refletindo sobre processos didáticos, sobre adequação de suas perguntas, críticas, comentários, tomando consciência sobre o seu pensar e o seu fazer, num processo igualmente de auto-avaliação. Seus registros e anotações o auxiliarão nesse sentido, por objetivar o seu pensamento sobre o aluno, levando-o a tomar novas decisões (HOFFMANN, 2002, p. 80).

Será nesse processo de promoção de reflexões que pretendo conduzir minhas práticas futuras em sala de aula. Promovendo um espaço de busca da compreensão e sentido na minha prática docente.

Outras narrativas trazidas pelos alunos foram em relação ao aprendizado da matemática.

“Fizemos trabalhos de matemática...” (RA, M, 10); “ela nos ensinou a fazer contas de matemática, eu melhorei na divisão por que a prof(a) Josi me ensinou a fazer. Como todas as professoras dizem: “arrando que se aprende” (ME, M, 10); “ela ensinou para nós contas de dividir e também contas de vezes” (I, F, 10). “foi com a sora Jose que aprendi divisão e outras coisas, etc.” (B, M, 9).

GOLBERT (2010, p. 93) nos orienta dizendo que “o papel do professor, propondo atividades (perguntando, por exemplo: “quanto há aqui”, lançando questões: “onde há mais”, incentivando a busca de soluções: “que é preciso fazer”, é fundamental. Muitos destacam o papel da interação social no desenvolvimento numérico”. Através de Golbert e das falas dos alunos, identifiquei que foi importante para esses alunos realizar por diversas vezes a correção de matemática no quadro, onde ia intervindo, perguntando, esperando por respostas da turma. Também os alunos trabalharam por diversas vezes em duplas e pude perceber que o auxílio dos colegas também foi muito importante para suas aprendizagens matemáticas.

“fizemos um mural das gentilezas” (N, M, 9); “ela também fez o varal das gentilezas “Gentileza gera gentileza” etc. Agora nós temos o varal...” (LI, F, 10); “Entre no meio do ano, mas aprendi muita coisa, exemplo: varal das gentilezas,...” (LU, F, 10).

Esse trabalho foi pensado durante as orientações através de algumas ideias também direcionadas no sentido das melhoras das relações em sala de aula. Para

tentar construir uma identidade na turma e também possibilitar um espaço para que expusessem seus trabalhos, o varal foi sendo construído aos poucos. Foram selecionadas palavras de gentilezas que os alunos consideravam importante manterem em sala de aula e em outros momentos dentro da escola. Também foram colocados trabalhos dos alunos, fotos dos passeios, onde a turma estava reunida em grupo.

%Quando a Josiane tava dando aula para a turma 42 a turma se divertiu muito todo mundo, todo mundo ainda gosta da Josiane+(LB, M, 10); %Eu adorava ter aula com ela, apesar das vezes que ela brigava comigo, mas tudo bem+(E, M, 10); %a a gente conversava com ela no pátio, no recreio e na educação física ela dava ideias para a gente brincar e etc. Ela até brincava com a gente, é isso+(VC, M, 10); %Com a professora Josiane a gente aprendeu e brincamos muito...+(G, F, 9); %Ela fazia brincadeiras com nós, quando nós tínhamos dificuldade ela os ajudava+(I, F, 10).

Através das narrativas desses alunos, percebo o quanto foi importante o diálogo, as brincadeiras, e os momentos de trocas de aprendizado. Mesmo em alguns momentos eu mantendo uma postura firme com a turma eles ainda reforçam os momentos de brincadeiras. Na educação, assim como WEBER (2003) afirma, são importantes os momentos que não se limita ou recusa algo sem dar a devida explicação, isso é caracterizado tanto na educação familiar, quanto na escolar.

O estilo explicativo é aprendido durante a infância por meio das influências dos educadores. [...] Deve-se mostrar que os erros são temporários, específicos e mutáveis. A criança precisa errar, precisa vivenciar frustrações, mas ela precisa saber como explicar seus erros e falhas, e os pais têm grande participação nesse aprendizado (WEBER, 2003, p. 72).

O professor tem essa responsabilidade de explicar para seus alunos os motivos de suas atitudes e não simplesmente estabelecer e determinar algo sem se entender o que está sendo envolvido ali. Mesmo a turma não concordando com algumas atitudes, ou ainda não compreendendo as razões, eles saberão o que está acontecendo, para depois poder repensar sobre.

3.5 E AFINAL, O QUE EU APRENDI?

Além dos alunos, eu também tive a oportunidade de aprender muitas coisas com eles, principalmente em pensar nas minhas atitudes e minha atuação enquanto docente. Fui aprendendo ao longo desse estágio a me sentir e enxergar uma docente que em muitos momentos não percebia. Entrei com uma visão de docência

na turma, e após a realização desse estágio, pude ir além das vivências e fui em busca de reflexão sobre as atitudes desempenhadas naquele período em que estive em estágio de docência.

Num primeiro momento, pensei em desistir, mas conversando com a turma e indo atrás de alternativas para melhorar as aulas, através das orientações, percebi a importância de rever algumas atitudes e conceitos que eu havia pré-estabelecido antes de entrar na sala de aula.

O cenário da relação entre professores e alunos, portanto, é constituído por diferentes dimensões de diálogo: orientar, informar, questionar, aconselhar, criticar, observar, responder, explicar, corrigir, ouvir... Cada uma dessas ações pode desencadear diferentes reações, atitudes de receptividade ou de divergência nos alunos. A busca, entretanto, deve ser da afetiva compreensão entre os sujeitos dessa relação, da confiança e da aceitação dos diferentes jeitos de pensar e expressar o pensamento (HOFFMANN, 2002, p. 116).

Em muitos momentos eu poderia ter seguido em frente sem ouvir o que a turma tinha para me dizer e então colocaria os conteúdos em andamento e esqueceria o resto. Seria até mais fácil, pensando no tempo dispensado em procura de novos métodos e outras maneiras de prosseguir com as aulas, porém que sentido teria? Conteúdo por conteúdo, perderíamos a riqueza e a convivência que estabelecemos nesses meses, uma relação de amizade com a turma.

Quando o professor estabelece uma relação de confiança com o estudante e troca com ele mensagens pertinentes e significativas sobre seus processos, os primeiros passos estão dados na direção de uma postura reflexiva de ambos. Em sua essência, um educador reflexivo é mediador de uma educação reflexiva, à medida que compartilha com o aluno sentimentos e descobertas, enfrenta com eles dúvidas e obstáculos, sugere e acata sugestões de novas direções. Não apenas aponta a direção aos alunos. Mais do que isto, acompanha-os em seus percursos, vivendo a magia do inesperado (HOFFMANN, 2002, p. 172).

Compartilhei com eles, em muitos momentos, minhas incertezas sobre alguns conteúdos, onde mesmo num dia não sabendo, seguia atrás de informações e depois trazia novamente essas questões para turma, não os deixava sem resposta. Mostrei para eles, em muitas situações, que também estava aprendendo e que iríamos descobrir juntos.

4 APRENDIZAGENS FINAIS, SERÁ?

Com os estudos realizados, a pergunta inicial foi respondida, pois pudemos ver, ao longo do trabalho, o que esses alunos foram apontando sobre suas aprendizagens. Pode não ser as aprendizagens que eles apontariam se fossem perguntados de outra maneira, porém como processo de retomada foi importante, pois os alunos não estão acostumados a pensar sobre o que estão aprendendo. Além disso, as análises realizadas puderam identificar que proporcionar aos alunos esses momentos de identificação das aprendizagens pode ser benéfico, tanto para os alunos, quanto aos professores, pois funciona como um grande instrumento de avaliação. O professor avaliando sua atuação e suas estratégias de ensino e de aprendizagem e os alunos avaliando as suas aprendizagens em relação às propostas pedagógicas.

Portanto, essa tarefa de retomada das aprendizagens não é só difícil para os alunos, nós enquanto docentes em formação também não estamos acostumadas a pensar no que estamos aprendendo e refletir sobre. Esse processo para o professor que está em sala de aula ou que vai estar, pode auxiliá-lo a entender muitas coisas e a dar sentido em sua atuação.

E, agora, ainda fica a dúvida, como podemos criar estratégias de retomada das aprendizagens sem limitar os alunos em respostas fechadas? Como podemos agregar essas informações destacadas por eles junto aos conhecimentos esperados?

REFERÊNCIAS

DELVAL, Juan. **Introdução à prática do método clínico**: descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DELVAL, Juan. Aprender investigando. In: BECKER, F. e MARQUES, T. (Orgs). **Ser professor é ser pesquisador**. 2º edição. Porto Alegre. Mediação, 2010, p.115-128, cap.10.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

GOLBERT, Clarissa S. O papel do professor na construção do pensamento matemático. In: BECKER, F. e MARQUES, T. (Orgs). **Ser professor é ser pesquisador**. 2º edição. Porto Alegre. Mediação, 2010, p.89-102, cap.8.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**. As setas do caminho. 3ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

LIMA, Elvira de Souza. **Indagações sobre currículo**. Currículo e desenvolvimento humano. Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag1.pdf> Acesso em: 15/novembro/2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, Tânia B. I. Professor ou pesquisador. In: BECKER, F. e MARQUES, T. (Orgs). **Ser professor é ser pesquisador**. 2º edição. Porto Alegre. Mediação, 2010, p.55-62, cap.5.

PARRAT-DAYAN, Sílvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2009.

PIAGET, Jean. **Inconsciente afetivo e inconsciente cognitivo**. In: Problemas de Psicologia Genética. São Paulo: Abril, 1983.

PIAGET, Jean. **Sobre a Pedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

WEBER, Lídia Natália Dobrianskyi; BRANDERBURG, Olívia Justen; VIEZZER, Ana Paula. **A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança**. Psico-USF, v. 8, n. 1, p. 71-79, Jan./Jun. 2003. Disponível em: <http://www.lidiaweber.com.br/Artigos/2003/2003Arelacaoentreoestiloparentaleootimismodacrianca.pdf> Acesso em: 18 de dezembro de 2012.

Sites:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST22/Deise_Lucy_Oliveira_Montardo_22.pdf

Acesso em: 01 de dezembro de 2012.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook> Acesso em: 18 de dezembro de 2012.